



“O LIXO QUE VOCÊ JOGA NA RUA DIZ MUITO SOBRE VOCÊ?”

Adriana Santana de Sousa Nascimento, Universidade Federal de Sergipe-UFS,
e-mail: adry.s.sousa@hotmail.com

Dr^a Rosana Batista de Oliveira Santos, Universidade Federal de Sergipe-UFS,
e-mail: rostosgeo@academico.ufs.br

Dr^a Katinei Santos Costa, Universidade Federal de Sergipe- UFS,
e-mail: katineicosta@hotmail.com

Área temática: Sustentabilidade e suas múltiplas dimensões

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar os conceitos históricos, até os dias atuais, sobre natureza e as interfaces das relações sociedade-natureza. Além disso, buscamos compreender qual é a visão de natureza atrelada a cultura e a sustentabilidade, a partir da experiência cotidiana no contexto da afirmação didática- pedagógica, “o lixo que você joga na rua diz muito sobre você”. O presente estudo classifica-se como básico e de caráter qualitativa, pelo viés discursivo e subjetivo. Porém, não menos importante para analisarmos os impactos socioambientais tão presentes nas mídias e emergentes nos dias atuais. Na leitura bibliográfica, foi possível identificar alguns conceitos sobre a natureza, inclusive à luz do filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau. Esta, parte do princípio do humano natural, em total sintonia com a natureza, e do humano socialmente modificado, àquele que foi despertado para a competição para a apropriação privada e egocêntrica. Visto como dominador da natureza o ser humano, perde o sentimento pela natureza, deixando de exercer uma ação sustentável que vislumbre um futuro inclusivo entre o homem e o meio ambiente, ambos como constituintes. Sendo assim, em análise, a atitude de descartar resíduos nos mais diversos ambientes, trata-se de uma ideia primitiva, neste contexto o termo primitivo, como aquele que delimita uma ação instantânea, mecânica e/ ou por impulso sem a devida reflexão, sobre a ação efetivada. Contudo, é a partir da atitude reflexiva, nas relações sociedade-natureza, principalmente no aspecto coletivo e individual, que potencializamos a Educação Ambiental no contexto formal e informal.

Palavras-chave: Natureza, cultura, sustentabilidade, sociedade capitalista



1. Introdução

Hoje, mais do que nunca, busca-se compreender as relações estabelecidas pela sociedade-indivíduo-natureza. Principalmente, atitudes que geram profundos impactos no meio ambiente, tais como a indústria, a poluição, o hiperconsumismo causando o excesso de resíduos sólidos e a transformação do natural em artificial como conceito de vida e bem-estar. Em uma proporção menor, mas igualmente complexa, estão os “outros”, os consumidores. Portanto, é a partir da visão consumista da sociedade que este trabalho trará a problemática como reflexão. O conceito de natureza, cultura e sustentabilidade passa pelo olhar e ação humana.

Em meio à complexidade em torno da questão socioambiental, compreender os principais conceitos historicamente construídos, até os dias atuais, sobre a natureza e as interfaces na relação humana é essencial. Partindo desde o momento em que havia um sentimento de proteção aos bens naturais até os dias de hoje, em que o ser humano, como dominador, vê e se utiliza dos recursos naturais como mera mercadoria propositiva de riqueza. Sendo assim, a partir de uma afirmativa didático-pedagógica como “O lixo que você joga na rua diz muito sobre você” desenvolveremos a presente reflexão, até que ponto a minha ação individual é tão importante e impactante às questões ambientais, ou até mesmo, dentro de uma analogia pode me caracterizar como pessoa?

O propósito deste trabalho, se constitui na análise da coerência ou não da ação cotidiana humana, de cuidado e/ou zelo ao meio ambiente, se reconhecendo como natureza que sofre e interfere diretamente nos impactos socioambientais. Bem como, a relação com os conceitos de natureza, cultura e sustentabilidade. Partindo da importância da reflexão individual como educação ambiental e de movimentos coletivos, como ação propositiva de mudança macro.

Este artigo tem por objetivo analisar os conceitos históricos, até os dias atuais, sobre natureza e suas interfaces nas relações sociedade-natureza. Além disso, buscamos compreender



qual é a visão de natureza atrelada a cultura e a sustentabilidade, a partir da experiência cotidiana no contexto da afirmação didática- pedagógica, “o lixo que você joga na rua diz muito sobre você”. Como metodologia, buscaremos a partir de uma análise teórica as literaturas de (Bastista), Uma leitura na concepção de natureza na obra “origens e fundamentos da desigualdade entre homens de J. Jacques Rousseau, além das contribuições (Layrargues), A cortina de fumaça: o discurso empresarial verde e a ideologia da racionalidade econômica; (Gonzalez), Por um feminismo afro-latino- americano, a compreensão de que, “a maneira como o indivíduo ou grupo social entende a natureza tem relação direta com suas atitudes no mundo vivido, atitudes que são construídas culturalmente” (Castro, 2019, p. 17). Ou seja, é no contexto social que surge os problemas ambientais, a partir de uma lógica de desenvolvimento socioeconômico em que a conservação da natureza, estaria como plano secundário.

2. Fundamentação teórica

Historicamente, a relação entre os seres humanos e a natureza se modificou ao longo do tempo, passando por diversas fases. Inicialmente, a natureza era vista pelo indivíduo com certa inquietação, talvez por receio do desconhecido e por questões fundamentais de sobrevivência. Com o passar do tempo, essa relação progrediu para a fase atual de dominação, na qual o ser humano se vê como “dono de tudo, o senhor da verdade e do mundo”. Contudo, neste contexto de dominação, coube apenas o controle e a utilização da natureza como recursos naturais, essenciais ao desenvolvimento capital, principal fonte de degradação ambiental e de desencanto com a natureza.

Há muito tempo, se discute as questões ambientais e a relação do ser humano sociável, com a natureza. Entendermos alguns pontos, para início de uma reflexão se faz necessária. Na antiguidade, os filósofos e religiosos já traziam visões e conceitos sobre a natureza que em parte, se assemelhavam e, em outras, não. Conceitos esses que foram se modificando, e talvez até perdendo sua essência. Ao realizarmos uma regressão, a partir de Jean-Jacques Rousseau,



estaremos à procura de valores da natureza humana e compreendemos que o conceito de natureza “está ligado à formação moral do ser humano [...]. E que o estado de natureza é formulado por Rousseau como ponto de partida para a explicação sobre a origem do mal instaurado em sociedade” (Batista; Conceição,2010, p.02).

A partir da historicização humana, desde o mais natural possível, até a sociedade atual, existe uma trajetória com elementos que fundamentam a existência da espécie humana e sua capacidade de aperfeiçoamento. Nesta busca por “pressuposições a origem e as razões da desigualdade”, haveria uma divisão na natureza humana, “um de origem natural e a outra construída artificialmente no estado de sociedade [...] onde uma seria positiva, primeira natureza e, outra negativa, artificialmente construída” (Batista; Conceição,2010, p.04).

Neste ínterim, podemos considerar que a natureza possui dois marcos temporais, que nos permite contextualizar, “o rustico, que seria representado pelo natural em oposição ao artificial, [...] como resultado das ações humanas a partir do uso e aprimoramento de sua razão, ” (Batista; Conceição,2010, p.03). havendo aqui, culturalmente uma divisão de natureza natural de um lado e natureza racionalizada do outro.

Eagleton (2023, p.15) afirma que “como cultura, a palavra natureza significa tanto o que está a nossa volta como o que está dentro de nós”. Contudo, como análise teórico desta pesquisa é pertinente compreendermos que, “a maneira como o indivíduo ou grupo social entende a natureza tem relação direta com suas atitudes no mundo vivido, atitudes que são construídas culturalmente” (Castro, 2019, p. 17). Ou seja, é no contexto social que surge os problemas ambientais, a partir de uma lógica de desenvolvimento socioeconômico em que a preservação da natureza, estaria como plano secundário.

Para Layrargues, (1998, p. 13) havia uma “relação antagônica, na esfera discursiva do imaginário social entre desenvolvimento e meio ambiente [...] ambos seriam inconciliáveis entre si.” O autor nos leva a entender que enquanto discurso, o ideário ecologista com o empresarial passa a fazer parte do processo civilizatório sustentável. E que, de acordo, “com as formações discursivas dominantes[...] ser ecológico passa a significar a posse de uma forte vantagem

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS 2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 | evento
23/11 | 100% online
24/11 | e gratuito

competitiva” (Layrargues, 1998, p. 13). A sustentabilidade, neste viés passa a ser uma proposta também capitalista e, não apenas refletida na urgente necessidade ambiental.

É relevante compreendermos que “o adequado entendimento de desenvolvimento sustentável implica reconhecer que o mesmo deve expressar e garantir o desenvolvimento social de cunho humanista, inclusivo e solidário, de base material e imaterial,” (Fórum Nacional de Educação, 2023, p. 10). Ao pensar em sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável-DS, se faz necessário considerarmos o contexto de justiça socioambiental, àquilo que se sustenta na equidade de direitos humanos em que o homem é natureza, a cultura é que o produz e a sustentabilidade é a confirmação de uma vida com qualidade no presente e futuro.

Silva & Schramm (1997) *apud* Camponogara, Ramos, kirchhol, (2007, p.483) corrobora afirmando que, “a discussão sobre a questão ambiental deve se dar a partir das relações e interpretações que se estabelece, historicamente, entre o ser humano e a natureza”. Neste sentido, podemos compreender melhor a partir da literatura de Lélia Gonzalez, (2022, p.85-86):

Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao esforço físico ocupado pelo dominador e dominados. O lugar do grupo branco dominante são moradias saudáveis situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas [...] Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: das senzalas a favelas, cortiços, invasões alagados e conjuntos “habitacionais” [...] dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço.

Dentro de um critério reflexivo, a autora nos mostra que na medida que o homem se torna um ser civilizatório¹ é a partir da segregação social que ele se constitui. Aonde o branco, eurocêntrico, hegemônico com poder de escolha receberá os privilégios que se perpetuam até os dias atuais, enquanto que na divisão racial, o negro segue um destino predestinado pelo poder

¹ Materialização de um projeto civilizatório que, para ocorrer, exigiu obrigatoriamente a negação do outro[...] uma vez que as relações sociais fundadas na produção de mercadorias, na apropriação privada, na exploração do trabalho e na expropriação de meios de vida- territórios, técnicas, saberes, culturas etc- exigem a universalização de um padrão único de sociabilidade, seus valores e culturas (Loureiro, 2019, p.39).



e atuação do aparelho opressor, o Estado. “O que, Nun, 1978, caracterizou como *desenvolvimento desigual e combinado*” Gonzalez, (2022, p.95). Sendo assim, a interrelação entre o conceito de natureza na perspectiva cultural e sustentável a partir da questão étnico-racial, se difere.

Alguns sentirão os impactos ambientais em sua maior intensidade, os proletários e proletárias negras, mães, matriarcas que vivem em condição desigual, trabalham em ambientes subdesenvolvidos por exemplo, enquanto que a classe burguesa em suas moradias confortáveis sentirá e, se preocupará bem menos, com as questões ambientais. O trabalhador e trabalhadora brasileira, traz no contexto histórico a sustentação de um país extremamente desigual e de uma democracia burguesa, que atende os interesses de umas em detrimento do outro.

2.1 Natureza e as concepções de cultura e sustentabilidade

À medida que se busca uma compreensão maior sobre o conceito de natureza, percebe-se indissociável ao ser humano, visto que, desde os tempos primitivos, há uma contante busca por entendimento sobre a interdependência entre o homem e natureza. Desde os povos indígenas, verdadeiros guardiões das florestas que nos ensina até hoje, qual seria a verdadeira relação entre o ser humano e a natureza, por meio das proposições de conservação, sustento e cura física/espiritual. “Na medida que um povo é inerente ou pertence a terra, também está ligado a ela ontológica e moralmente. O seu papel como guardiões da terra é indispensável, é essencial para a completude e continuação do mundo natural” (Whitt,2003, p.30).

Ainda, sobre a relação estabelecida entre a natureza e o ser humano, temos:

A tradição chinesa, “que vê como inextricavelmente, unida aos ritmos, processos e fenômenos do mundo natural”. As tradições hindus “ligados a um sentimento de respeito com o meio ambiente”. Até a tradição judaica “em que a natureza é vista meramente como um recurso para satisfação dos interesses, carências e necessidades humanas”. Este se parece muito com o modo de pensar ocidental contemporâneo (Camponogara; Ramos & kirchhol, 2007, p.486).

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 | evento
23/11 | 100% online
24/11 | e gratuito

Através da valorização da diversidade, os pensamentos multiculturalistas desempenham um papel crucial na formação de ideias mais enriquecedoras sobre a concepção de natureza. De maneira dialética, é importante compreender que nada existe de forma isolada; tudo se complementa e se reorganiza, mesmo em contextos com concepções distintas, como as orientais e ocidentais.

Na antiguidade grega, a concepção ocidental de natureza surge a partir de quatro momentos:

Na origem do pensamento filosófico grego pode ser contrastada com a compreensão mítica grega e com a prática da experiência, que caracteriza os procedimentos considerados científicos, o segundo diz respeito à teoria atomista sobre a constituição das coisas, influenciou a concepção moderna de natureza. No terceiro identifica-se o surgimento da idade média, uma compreensão ambígua da natureza, ao mesmo tempo criada por deus e inabitada por ele, e quarto momento consolidação do pensamento mecanicista, cuja as influências se fazem sentir até o presente (Gonçalves,2006, p.81).

Contudo, a partir da idade média, há uma ruptura das ciências filosóficas com as ciências quânticas, uma ruptura em que o “ser humano se eleva à posição de dono da natureza (objeto de dominação e manipulação da ciência), com aprofundamento à tradição experimental na pesquisa científica sobre a natureza” (Camponogara; Ramos & kirchhol, 2007, p.491).

Cientistas como Bacon (1521-1626) “a aspiração de poder sobre a natureza”, Descartes (1596-1650) “cisão entre homem e natureza” e a chegada da Revolução Científica marcada pela separação da idade medieval do mundo moderno, ou seja, “a ciência dita as regras do mundo moderno” (Camponogara; Ramos & kirchhol, 2007, p.491).

O homem, ao transformar a natureza com seu trabalho, transforma a si mesmo, em processo cíclico. Essas transformações são marcas que exprimem os diferentes hábitos, costumes, saberes, técnicas e culturas desenvolvidas por diferentes povos durante milênios, que foram moldando uma visão e postura de domínio da natureza, o antropocentrismo (Fórum Nacional de Educação,2023, p. 10).

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS



22/11 evento
23/11 100% online
24/11 e gratuito

Enquanto, a relação entre o conhecimento científico, indivíduo-sociedade- natureza pode se constatar uma nova visão, transformada em hábitos e cultura capitalista, em que o homem, a partir do conhecimento, torna se detentor dos recursos naturais, o efetivo antropocentrismo, eu posso, eu tenho, o homem no centro dessa relação, ou seria dominação?

Um outro “marco de referência na relação ser humano natureza foi a Revolução Industrial, no século XVIII, que com a mecanização dos processos de produção de bens, intensificou a extração e o uso de recursos naturais e modelou a organização da sociedade, naturalizando a estratificação em classes sociais e, com isso, acentuou as desigualdades” (Fórum Nacional de Educação,2023, p. 169). Inserido nesse contexto, o Brasil, país em desenvolvimento, com heranças na colonização escravocrata e, marcado por políticas neoliberais se vê partícipe desse processo de desenvolvimento, contudo, o que consagre são dívidas externas, expansão da desigualdade social, e, porta de entrada para indústrias e empresas internacionais que extraem os recursos naturais e descartam resíduos.

Sendo, assim, é nessa sociedade capitalista emergente que se intensificou por meio da “desnaturação” do homem e “engendramento às desigualdades” (Batista; Conceição, 2010, p.02) a qual, culturalmente permanecemos entrelaçados, portanto, precisamos considerar a globalização e o perfil de cada nação, de cada povo e suas histórias, ao conduzir as questões ambientais.

2.2 “O lixo que você joga na rua diz muito sobre você”





Figura 01: Imagem retirada da internet com fins didáticos-pedagógicos em palestras escolares como ferramenta de sensibilização social.

Ao ouvirmos esta afirmativa em alguns momentos de palestras escolares surgem alguns questionamentos sobre a responsabilidade individualizada do ser humano, em específico nesta pesquisa, no contexto ambiental. Até que ponto, uma atitude de descarte pode ser considerada dentro de uma analogia, uma definição de personalidade, do seu e/ou nosso “eu”?

A partir da literatura até aqui trabalhada, podemos inferir, através de Rousseau,

[...] que os seres humanos têm a capacidade, que o distingue dos animais, de frear seus impulsos imediatos ou de iniciar uma ação deliberada, não impulsiva, em atenção ao bem futuro: o homem tem alguma participação em seu caráter como agente livre” (Dent, N.J.H.1996.p.156 *apud* Batista; Conceição,2010, p.07).

Neste ínterim, se percebe a responsabilidade imbuída no ser humano, pela conservação ao meio ambiente, desde atitudes mais simples às mais complexas, afinal regemos a vida em comunidade e sobre a mesma, sofremos e somos influenciados. Contudo, apesar de considerarmos importante, atitudes que se exemplificam, algumas, torna-se quase insignificante diante da complexidade das questões socioambientais apresentadas nos últimos tempos. A ação individualizada é de grande relevância, porém, se precisa considerar a atitude coletiva, sustentável, uma vez que, o capitalismo estimula a sociedade ao hiperconsumismo, ao mesmo tempo que requer do individual, ações sustentáveis, contradizendo, o real sentido do desenvolvimento sustentável-DS.

A UNESCO, por meio da Agenda 2030, instituiu a Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS). É um instrumento ambicioso para se atingir os 17 Objetivos do DS, visando à superação da desigualdade e da pobreza, e, também, para contribuir com o enfrentamento das questões ambientais urgentes e globais – como a mudança do clima – as quais exigem políticas públicas igualmente ambiciosas, e para buscar transformações em nosso modo de pensar e agir (Plano Nacional de Educação 20024-2034, p. 171).

O Estado também, ao descumprir as suas responsabilidades, enquanto edificador de políticas públicas, transfere essa responsabilidade ao cidadão comum, como se apenas, atitudes

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS 2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 | evento
23/11 | 100% online
24/11 | e gratuito

isoladas, resolvessem as situações ambientais. O papel do Estado na educação ambiental brasileira, segundo “poderá ser subsidiário e definido por meio de um diálogo democrático com os diferentes sujeitos.” E/ou na “modalidade de intervenção, regulamentação ou contratualismo, por meio das políticas públicas”, (Sorrentino, 2005, p. 290). Com tudo, na sociedade neoliberal, o Estado se apresenta mais como mediador de conflitos, haja visto, que serve ao capital.

A afirmativa didático-pedagógica acima, traz como objetivo, provavelmente, uma reflexão sobre a atitude de não jogarmos lixo em qualquer ambiente, entretanto, se faz necessário esclarecermos o conceito de lixo, que de acordo com a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), “é definido como restos de atividades humanas, considerados pelos geradores como descartáveis, inúteis ou indesejáveis”, já resíduo “é tudo aquilo que ainda pode ser reciclado e reutilizado. Assim, esse tipo de material deve ser separado do lixo.”

Sendo assim, a educação ambiental como política pública deverá contextualizar a presente diferença e o reconhecimento da participação ativa da sociedade desde uma atitude de polidez, uma conduta educativa necessária, a reflexão sobre o consumo, para onde vai o resíduo sólido, e/ou orgânico, depois do descarte, o desperdício de alimento atrelado a desigualdade econômica social e, como nossa voz poderá ser ouvida a partir de um micro ao macro ambiente social.

“A natureza como uma responsabilidade humana é seguramente um *novum* sobre o qual uma nova teoria ética deve ser pensada” (Jonas, 2006, p.39), para esse filósofo a ética tradicional não se enquadra no modelo de natureza humana atual, em consonância com o próprio Rousseau que vê o *apartheid* do homem com a natureza, perdendo inclusive a ideia de sentimento pela natureza e, mantendo apenas, o domínio e degradação ao meio ambiente.

A capacidade de aperfeiçoamento ou perfectibilidade, como define Rousseau, direcionou o homem a adquirir conhecimentos. Ao mesmo tempo [...] levou o ser humano também a inventar uma linguagem própria, sobretudo propiciando uma ruptura do homem primitivo, a partir da descoberta da linguagem e do trabalho, os quais definiram a perda da essência humana (Batista; Conceição, 2010, p.17).



A partir do diálogo com os autores citados, é fundamental refletirmos sobre atitudes de bem comum, validando o papel de cada um na sociedade contemporânea, contudo, sem tirar a reponsabilidade coletiva e direcionada às instituições competentes, o Estado, as grandes empresas e as indústrias com seus selos verdes expositivos. Ainda, como reflexão, que tipo de resíduos sólidos são descartados nos mais diversos ambientes, praças, ruas, escolas, empresas, rios, mares. E até que ponto, a educação ambiental formal ou informal proporciona uma reflexão sobre as diferenças conceituais entre lixo e resíduo sólido como sensibilização às atitudes humanas com o meio ambiente, visto que normalmente, sem a devida distinção ambos são tratados num percurso linear expropriação, produtividade, consumo e descarte inconsciente.

É importante acrescentarmos neste debate a importância da educação ambiental como política pública, mesmo conscientes que, na maioria das vezes, essa mesma educação apenas reproduz aos interesses de uma elite. Contudo, sendo a educação uma variável socioambiental emancipadora, como bem nos ensina FREIRE, (2000, p. 16) “A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

3. Metodologia

A metodologia utilizada no presente artigo partiu de análises bibliográficas das literaturas de (Layrargues) A cortina de fumaça: o discurso empresarial verde e a ideologia da racionalidade econômica; (Gonzalez) Por um feminismo afro-latino- americano e (Batista) Uma leitura na concepção de natureza na obra “origens e fundamentos da desigualdade entre homens de J. Jacques Rousseau, os quais, trouxeram conceitos importantes sobre as relações sociedade-natureza, no âmbito da cultura e sustentabilidade, inferindo a partir desse estudo, a afirmação didático-pedagógico, expoente à sociedade atual: “o lixo que você joga na rua diz muito sobre você”. Faremos uma reflexão sobre esta afirmativa, partindo do pressuposto de atitudes comuns diárias, até o momento em que esse lixo, chega ao lixão da cidade. Afinal, “não



há nada neutro - ao contrário, há uma posição ideológica muito evidente de se continuar perpetuando as opressões” (Ribeiro, 2018, p. 29) como exemplo, a culpa individualizada por atitudes complexas. A pesquisa se constitui em uma pesquisa básica, qualitativa e bibliográfica, portanto não haverá exposição de dados, mas de interpretações e considerações ao tema estudado.

4. Resultados

A presente pesquisa classifica-se como qualitativa pelo viés discursivo e subjetivo, porém não menos importante para analisarmos os impactos socioambientais tão presentes nas mídias e emergentes nos dias atuais. Na leitura bibliográfica foi possível identificar alguns conceitos sobre a natureza, inclusive à luz do filósofo iluminista Rousseau, que parte do princípio do humano natural, em total sintonia com a natureza, ao humano socialmente modificado, àquele que foi despertado para a competição, para apropriação privada e, para o egocentrismo. Hoje, esse dominador da natureza, desprovido do limite ao bem finito, os recursos naturais. Muitas vezes, se nega a compreender a complexidade das suas ações predadoras e de racionalidade puramente capitalista.

Cabe neste momento, levantamos alguns pontos significativos, inclusive sobre sentimentos como, compaixão e/ou piedade, citados por Rousseau, como sendo virtudes que antecedem à reflexão “os homens não são monstros, pelo contrário, por ser piedoso é que decorrem todas as virtudes sociais” (Batista; Conceição, 2010, p.07). Sobre as virtudes sociais, podemos compreendê-las como ações coerentes com o próximo, em que, resguarda o respeito pelo outro, nas atitudes éticas socioambientais, o que infelizmente, está em desuso na sociedade capitalista, predatória contemporânea.

A sociedade contemporânea formada por seres de amor próprio², se esvaziou no seu próprio ego, não compreende a dinâmica da existência humana, como um rizoma, em que tudo

² O amor próprio é a alienação do amor de si. Pois, com o uso da razão, os homens começaram a se olhar e perceberam as diferenças que existiam entre si, produzindo um sentimento de orgulho, que transformou o amor de si em amor-próprio (Batista; Conceição, 2010, p.17).



é interligado, inclusive a falta de compaixão. A atitude de não pensarmos no destino que será dada ao resíduo sólido traz significância ao conceito da sociedade atual. Em meio a uma crise civilizatória³.

A prática não reflexiva facilita a reincidência de comportamentos racistas, sexistas, intolerantes com religiões não dominantes, e o reforço de ideologias que cabem o indivíduo como um sem o outro, que se basta e que concebe, representa, significa e age sem o outro[...] é como se tudo começasse e terminasse no interior de cada um em sua individualidade e racionalidade, sem mediações (Loureiro, 2019, p.27).

A ideia de jogar o lixo na rua, acaba sendo primitiva⁴, se comparada às problemáticas socioambientais existentes na sociedade predatória atual. Contudo, é a partir da atitude reflexiva, nas relações sociais que potencializamos a educação ambiental formal e informal. Ao mesmo tempo, há uma hegemonia no discurso do capitalismo em responsabilizar o crescimento populacional e, ação individual, como intensificadores das questões ambientais. Neste caso, trata-se de uma ideologia negacionista e insuficiente à resolução “da gravidade da crise ambiental e societária que estamos mergulhados” (Loureiro,2019, p.37). Ainda, sobre a educação ambiental no âmbito do Estado, enquadra-se naquilo que Bourdieu (1998) *apud* Sorrentino, (2005, p. 290) chama de “mão esquerda do Estado” que reúne trabalhadores sociais, educadores, professores e cujas as ações são ignoradas pela chamada “mão direita do Estado”.

Portanto, o que se apresenta como resultado da pesquisa bibliográfica se constitui na afirmação de que todas as esferas da vida se interrelaciona dentro de uma complexidade que é o meio ambiente e que a cultura faz parte da humanidade a que pertence, neste caso a uma

³ Crise humanitária, cultural e social provocada pelo capitalismo e as classes dominantes. “Ao fazer distinção entre grupos em relações desiguais, expressa a aceitação social de certos estilos de vida vistos como ajustados à condição socioeconômica e ao lugar de tais grupos nas relações de produção” (Bourdieu,1996 *apud* Loureiro,2019, p.36).

⁴ O termo primitivo, neste contexto delimita uma ação instantânea, mecânica e/ ou por impulso sem a devida reflexão, sobre a ação efetivada.

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS 2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 evento
23/11 100% online
24/11 e gratuito

sociedade altamente capitalista que difere os que tem oportunidade, a burguesia da classe trabalhadora, o proletariado, como nos afirma Loureiro, (2008, p. 240) “ somos seres que nos formamos coletivamente, na existência em uma cultura.”

Pensar em sustentabilidade na sociedade capitalista nos remete consequentemente, a visão crítica de que a soma da crise ambiental com o capitalismo resulta no desenvolvimento sustentável presente, portanto, cabe aos movimentos sociais, a uma educação ambiental comprometida com a melhoria da humanidade, dentro de um contexto conjunto de melhoria ética, de moradia, de trabalho, de educação, de um todo, afinal, não existe desenvolvimento sustentável, quando a maior parte da espécie humana sofre com as desigualdades sociais aguçada no Brasil atual.

5. Conclusões

Sobre a importância desta pesquisa, podemos considerá-la como fonte de reflexão na qual, a pesquisa científica, seja voltada para as questões sociais, neste caso se traduz pelo “valor” concedido à natureza. Observando, claramente, que cada realidade socioeconômica a vê de uma forma, podemos enfatizar que a sociedade capitalista, o discurso econômico em que as classes dominantes se beneficiam, afirmaram que o “progresso” econômico o poder de sanar com os problemas ambientais por meio da tecnologia avançada “e que os impactos ambientais podem ser regulados pela racionalidade do mercado” (Loureiro,2019, p.41).

Ao considerar que países desenvolvidos, não se preocupam efetivamente com a realidade desigual condizentes aos países de terceiro mundo. Precisamos considerar que na vivência histórica do Brasil e com a chegada do capitalismo, em que o neoextrativismo⁵ e a superexploração do ser humano como força de trabalho, mercadoria acessível e de exclusão acentuada

⁵ “Modelo de desenvolvimento baseado no crescimento econômico pela exportação de produtos primários e na apropriação privada de recursos naturais, em cadeias produtivas pouco diversificadas e em uma inserção internacional subordinada” (Loureira,2019, p.41).

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS 2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 | evento
23/11 | 100% online
24/11 | e gratuito

produziu, cada vez mais, o crescimento econômico para poucos e a pobreza institucional para muitos, além da destruição e extinção dos recursos naturais do nosso país. Realidade que se despeja, primeiramente, sobre a classe dominada, como a homens e mulheres negros (as), desempregados e periféricos, que já vivencia uma realidade de desigualdade social historicamente.

Neste caso, o conceito de natureza na sociedade emergente está relacionado a uma visão econômica de classe, ou seja, verifica-se que a classe dominante da burguesia, vê a natureza como utilitária em meio a produção, industrialização, tecnologia e estratificação, porém, para a classe dominada pelo sistema econômico brasileiro, os menos favorecidos, com empregos subumanos, na sua grande maioria negros, vê na natureza como algo quase divino, de contemplação, compreendendo-a, como paisagem e não como meio ambiente explorado e modificado pelo indivíduo. Em síntese, a relação cultural é diversa e, ao mesmo tempo capitalista, que passa a vê a natureza, nesta mesma relação, como um recurso de enriquecimento socioeconômico. Contudo, o desenvolvimento sustentável, neste contexto, precisará sobressair a partir do resgate do sentimento de amor e proteção à natureza, por meio da efetiva educação ambiental.

6 - Referências bibliográficas

BATISTA, Rosana de O. Santos; Conceição, Alexandrina Luz. **Uma leitura da concepção de natureza na obra “origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens” de J. Jacques Rousseau.** II colóquio Brasileiro de história do pensamento geográfico. Universidade Federal de Uberlândia. 2010.

BOURDIEU, P. **Contrafogos**-Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

CAMPOGARA, Silviomar; Ramos,S; Flávia Regina; Kirchof, C. Ana Lúcia. **Reflexões sobre o conceito de natureza: Aportes teóricos-filosóficos.** Rer. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v.18, janeiro a junho, 2017



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

GONÇALVES, M. **Filosofia da natureza**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 81 p.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**/ org. Flávia Rios. Márcia Lima. – 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JONAS, Hans. **O princípio da responsabilidade**. Rio de Janeiro; Editora PUC Rio, 2006

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Educação Ambiental: questão de vida**. São Paulo: Cortez, 2019.

ROUSSEAU, J.J- **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996 reimpressão, 2009.

SORRENTINO, Marcos; Trajber, Rachel; Mendonça, Patrícia; Junior, Luiz Antonio Ferraro. **Educação Ambiental como política pública**. Educação e pesquisa, São Paulo, v31, n.2. 285-299, maio/ago. 2005.

WHITT, LA et al. **Perspectivas indígenas**. In: JAMIESON, D (coord). Manual de filosofia do ambiente. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. 523p 17-32.

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/09/19/leia-a-integra-do-discurso-de-lula-na-assembly-geral-da-onu.ghtml> Acesso em 20 de set. de 2023.

<https://iwastes.com/2021/07/28/lixo-residuo-e-rejeito-qual-a-diferenca-entre-eles/> Acesso em 17 de out. de 2023.